

# A REVOLUÇÃO RUSSA ATRAVÉS DA REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Olgário Paulo Vogt\*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar aos professores de História das séries finais do Ensino Fundamental e aos do Ensino Médio, uma possibilidade de utilização do livro "A revolução dos bichos", de George Orwell, em sala de aula. Esta obra de literatura presta-se exemplarmente para realizar um estudo interdisciplinar sobre a Revolução Russa e o processo posterior de burocratização do regime soviético. Nesse sentido, aqui se procura fornecer alguns dados sobre o autor, a sua obra e sobre como ela foi distorcida durante a época da Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Revolução Russa. Stalinismo. Socialismo.

## Abstract

This paper aims at presenting final grades' teachers of History of Elementary and High School levels with possibilities to use Orwell's literary masterpiece "Animal Farm" in the classroom since, to our mind, the novel's uniqueness is likely to help establish an interdisciplinary approach regarding the Russian Revolution and the ensuing bureaucratization process of the Soviet Regime. To that end, we have also presented an overview of the author's life, his work and to which extent the novel has been misunderstood, even distorted, throughout the Cold War years.

**Key words:** Russian Revolution. Stalinism. Socialism.

**Title:** The Russian revolution in the light of Orwell's *Animal Farm*.

---

\* Professor de História da UNISC, mestre em História e Doutor em Desenvolvimento Regional.

## **“A Revolução dos bichos” nas aulas de História**

Romances, poemas, contos e outros textos literários podem e devem ser utilizados em sala de aula pelo professor para motivar, facilitar, aprofundar e complementar o aprendizado. A literatura, não obstante integrar o conteúdo das aulas de Língua Portuguesa, por sua própria natureza, serve para a abordagem, com profundidade, de temas interdisciplinares. O enlace do ensino de História com a Literatura e outras Artes, sempre que possível, é desejável. Na medida em que esse enlace corrobora para atenuar as divisões disciplinares e aponta para abordagens multidisciplinares, ele pode redundar em resultados profícuos no processo de ensino-aprendizagem (Bittencourt, 2004, p. 338-42).

Nesta exposição, trabalharemos com “A revolução dos bichos”, um clássico da literatura mundial.<sup>1</sup> O objetivo é, através da linguagem metafórica de George Orwell, fazer um estudo da Revolução Russa, de 1917, e da posterior stalinização do regime soviético, que se deu principalmente após a morte de Vladimir Lênin, ocorrida em 1924. A obra de Orwell, trabalhada no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, permite integrar pelo menos três disciplinas: a História, a Língua Portuguesa e a Geografia. Nos limitaremos, aqui, a abordar os aspectos concernentes com a História.

Livro de pequena espessura (o que pode se constituir em mais um aspecto favorável para convencer os alunos a lerem a obra) e de um autor que repudia o pedantismo intelectual, “A revolução dos bichos” possui ingredientes suficientes para favorecer o gosto pela leitura dos adolescentes. No caso de ser utilizado enquanto estratégia interdisciplinar, combinado aos estudos de teoria literária devem, necessariamente, vir os de geopolítica e os históricos, que possibilitarão o estabelecimento de relações entre conteúdo e forma.

Na impossibilidade de trabalhar com o livro, uma alternativa é utilizar o filme do mesmo nome. A indústria cinematográfica tem por

hábito aproveitar-se do êxito comercial de obras literárias, ainda mais quando se trata de *best sellers*. Nesse caso, o fato da obra ter “vendido bem”, é meio caminho andado para o sucesso do filme (Curti, 1989, p. 50). *Animal Farm* conta com duas adaptações para o cinema: uma animação de 1954, dirigida por John Halas e Joy Batchelor, e uma adaptação para o cinema de 1999, dirigida por John Stephenson, o mesmo de “Os flintstones”, “Babe”, “101 Dálmatas” e “Dr. Dolittle”<sup>2</sup>

Ressaltamos, em todo caso, que o filme não substitui a obra literária. Não vai, nessa afirmação, qualquer preconceito com o emprego de recursos audiovisuais em sala de aula. No entanto, o professor deve ter clareza de que a linguagem cinematográfica é bastante distinta da literária. Deve também ter consciência de que assim como a literatura, a imagem não ilustra nem reproduz a realidade concreta, mas a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida em um determinado momento (Kornis, 1992). Como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico em que o filme foi realizado (Campos, 2006, p. 2). A projeção do filme, portanto, não tem o mesmo conteúdo e o mesmo alcance que o da leitura do livro. Ou, como salienta Ilma Curti (1989, p. 51), “toda adaptação é um ato de recriação que leva a uma nova interpretação ou a uma nova síntese do tema – a não ser os casos de simples imitação ou de submissão escolástica.” Portanto, as modificações de um livro para a película do cinema não ocorrem somente em função da linguagem, mas são também decorrentes de implicações culturais e ideológicas.

A utilização desse texto literário é um bom exemplo de como, através da fruição artística, é possível trabalhar um conteúdo histórico importante do século XX e promover o conhecimento (Saraiva, 2006, p. 28). Dependendo do diagnóstico feito pelo professor sobre a turma, o livro pode ser empregado já no quarto ciclo do Ensino Fundamental, isto é, na sétima ou oitava séries. Cabe ressaltar que, como os alunos nessa faixa etária estão prestes a adquirir o direito de voto (alguns podem mesmo já

o ter adquirido), as discussões em torno dos temas que envolvem a obra são propícias. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, nesse ciclo o eixo temático proposto é "História das representações e das relações de poder". Esse eixo, por sua vez, se desdobra em dois subtemas: "Nações, povos, lutas, guerras e revoluções"; e "Cidadania e cultura no mundo contemporâneo." No Ensino Médio, o eixo temático "Cidadania: diferenças e desigualdades", sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais das Ciências Humanas e suas Tecnologias é uma boa indicação.

Bem utilizada, "A revolução dos bichos" pode auxiliar ao aluno a desenvolver uma série de competências e de habilidades (Cruz, 2005), dentre as quais: a ampliação do vocabulário; a assimilação de regras de escrita; a elaboração de sínteses; o aprimoramento discursivo oral e escrito; a capacidade de análise, interpretação e contextualização de fontes documentais; a formulação de posicionamentos éticos a respeito de situações e personagens; a comparação de problemas atuais com o de outros momentos históricos; e o estabelecimento de relações entre continuidade/descontinuidade e ruptura/transformação nos processos históricos.

Além da utilização em sala de aula, a leitura e a discussão de "A revolução dos bichos" é indicada em cursos de formação política. Integrantes de partidos políticos, de grêmios estudantis, de diretórios acadêmicos, de sindicatos, de movimentos de trabalhadores sem-terra, de associações de moradores e de outros movimentos sociais e de ONGs (Organizações Não-Governamentais), podem qualificar sua atuação e ação política a partir da interpretação e discussão da obra.

### **O Autor**

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em Bengala, na Índia Inglesa, em 25 de junho de 1903. Poucas pessoas, mesmo entre aquelas que lhe eram mais próximas, conheciam o seu verdadeiro nome. Era, conforme se definiu, de uma família de baixa alta classe média

inglesa (Orwell, 1986). Seu pai era funcionário da administração do Império Britânico. Ainda criança, sua família retornou à Inglaterra. Eric, graças a uma bolsa de estudos, pôde estudar na mais cara, esnobe e aristocrática das *Public Schools* da Inglaterra: a de Eton.<sup>3</sup> Não chegou, no entanto, a cursar Universidade.

Em 1922, regressou à Birmânia, trabalhando durante cinco anos para a Polícia Imperial Indiana. Pediu demissão de seu emprego de policial, conforme relatou em "A caminho de Wigan", por odiar ao imperialismo ao qual estava servindo.<sup>4</sup> De regresso à Europa, decidiu tornar-se escritor. Viveu então um período difícil. Desempregado ou com empregos ocasionais, por vontade própria ou por uma questão de sobrevivência, mendigou e trabalhou como lavador de pratos. Vivendo na pobreza, vagou durante alguns anos pelas capitais da Inglaterra e da França misturando-se aos mendigos e semicriminosos. Em 1933, publicou seu primeiro livro: "Na pior em Paris e Londres", no qual relata suas andanças nessa fase complicada de sua vida.

Foi somente a partir de 1934 que passou a viver com o dinheiro que ganhava dos seus escritos. Na Inglaterra, escreveu na imprensa socialista e trabalhou como livreiro, como professor e como jornalista. Foi então que publicou "Dias na Birmânia", um romance antiimperialista em que tirou proveito de suas experiências vividas no Oriente.

Até 1930, não se considerava totalmente socialista. "Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada", escreveria ele em 1947 (Orwell, 2007, p. 142). Em 1936, já socialista confesso, ao irromper a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), se transferiu com a esposa Eileen para a Espanha, para defender o governo republicano de esquerda da Frente Popular. Ali, a exemplo do que fizeram milhares de cidadãos do mundo todo, combateu pela República e se defrontou com a contra-revolução, liderada pelo general Francisco Franco, que contou com o apoio da maioria da Igreja Católica, setores da classe média e do

Exército daquele país. Os fascistas espanhóis também puderam contar com o apoio de aliados externos de peso, como Mussolini e Hitler.

Na Guerra, ao invés de entrar nas Brigadas Internacionais, onde eram engajados a maioria dos estrangeiros, juntou-se às milícias do POUM (*Partido Obrero de Unificación Marxista*), um agrupamento espanhol de tendência trotskista. Assistiu à repressão e perseguição de seus companheiros trotskistas quando, a partir de 1937, os comunistas ligados ao Kremlin obtiveram o controle parcial do governo espanhol. “Muitos de nossos amigos foram fuzilados, outros passaram longo tempo na cadeia ou simplesmente desapareceram”, deixou registrado (Orwell, 2007, p. 143). Ele próprio teria tido muita sorte de sair com vida da Espanha. Cabe ressaltar que a caçada aos dissidentes na Espanha ocorria ao mesmo tempo em que ocorriam os grandes expurgos na URSS.

Na Guerra, seria ainda ferido no peito. Uma bala danificou-lhe as cordas vocais, saindo pelas costas, e desde então sua voz ficou ligeiramente alterada. Mais tarde escreveria o livro “Lutando na Espanha”, em que relata sua experiência frustrante na Guerra Civil Espanhola. A Guerra, ao mesmo tempo em que fortaleceu suas convicções de socialista revolucionário, também o consolidou como anti-stalinista convicto (Teixeira, 2007).

“A caminho de Wigan”, escrita em 1937, é uma reportagem de amplo alcance social. Na primeira parte da obra, Orwell relata sua vivência com os mineiros. Ali desnuda o cruel sistema social que oprimia e explorava os trabalhadores das minas de carvão de Lancashire e Yorkshire, na Inglaterra. A época enfocada é a década de 1930, período marcado por uma forte depressão econômica, cujo efeito sobre a região mineradora foi o desemprego maciço. Na segunda parte da obra, Orwell esboça uma visão bastante particular que tem do socialismo. Ali deixa demonstrada toda sua aversão à intelectualidade de esquerda, em especial aos marxistas ortodoxos, e à sua literatura, qualificada, quase toda, como sendo “enfadonha, sem graça e ruim”(Orwell, 1986, p. 179).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell trabalhou como correspondente de guerra para a BBC. Em 1945, publicou "A Revolução dos Bichos", até hoje sua obra mais popular. Outro dos seus livros conhecido em todas as línguas é o romance "1984", publicado em 1949, uma sátira pessimista sobre a ameaça de tirania política no futuro.

Morreu em Londres em 21 de janeiro de 1950, de tuberculose e na miséria.

### **Livros de George Orwell**

Foi um dos escritores mais influentes do século XX. Ganhou notoriedade, sobretudo a partir da publicação de "A revolução dos bichos", o que ocorreu em agosto de 1945. Foi justamente na mesma época em que os Estados Unidos demonstravam todo o seu poderio militar ao lançarem bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

Em 1949, publicou aquela que os críticos apontam ser o seu principal e mais famoso romance: "1984" (*Nineteen-Eighty-Four*). Essa obra-prima é a distopia (utopia negativa) de 1984, onde Orwell previu um mundo controlado através da tecnologia, onde a novilíngua e o duplipensar estariam presentes. Em "1984" o autor deixa uma visão aterradora do totalitarismo. Constitui-se de uma metáfora de um mundo de invasão da privacidade, de significativos avanços tecnológicos que propiciaram o controle total dos indivíduos pelo Grande Irmão (*Big Brother*),<sup>5</sup> de destruição ou manipulação histórica dos povos e de guerras para assegurar a paz.

Pouco tempo depois, em janeiro de 1950, aos 46 anos, Orwell viria a falecer de tuberculose hemorrágica. Não assistiria a todo o impacto e ao desvirtuamento político de sua extensa obra, da qual destacamos:

#### **a) Romances publicados**

- Dias na Birmânia - *Burmese Days* (1934).
- A Filha do Reverendo - *A Clergyman's Daughter* (1935).

*Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 229-249, jan./jun. 2007*

- Mantenha o Sistema (O Vil Metal) - *Keep the Aspidistra Flying* (1936).
- Um Pouco de Ar, Por Favor! (Na sombra de 1984) - *Coming up for Air* (1939).
- A Revolução dos Bichos (O Triunfo dos Porcos) - *Animal Farm* (1945).
- 1984 (Mil Novecentos e Oitenta e Quatro) - *Nineteen Eighty-Four* (1949).

#### **b) Livros de não-ficção**

- Na Pior em Paris e Londres (Na Penúria em Paris e Londres) - *Down and Out in Paris and London* (1933).
- A caminho de Wigan - *The Road to Wigan Pier* (1937).
- Lutando na Espanha (Homenagem à Catalunha) - *Homage to Catalonia* (1938).

### **Sobre a Revolução dos Bichos**

Neste livro, o autor, em linguagem metafórica, constrói uma sátira em que critica a Rússia Soviética e o regime lá implantado por Josef Stalin (1879-1953), resultantes da Revolução Bolchevique de outubro de 1917. Orwell jamais visitou a Pátria do socialismo. Os conhecimentos que adquiriu sobre o que se passava na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) vieram da leitura de livros e jornais. A idéia de escrever o livro nasceu assim que regressou da Espanha. Mas foi somente em 1943 que realmente redigiria a obra. Complementou-a dois anos depois.

Inicialmente Orwell enfrentou dificuldades para publicar esse trabalho. Um alto funcionário britânico do Ministério da Informação teria, mesmo, alertado sobre a inconveniência da impressão do livro naquele momento.<sup>6</sup> Isso porque em 1945 os soviéticos ainda eram considerados aliados dos ingleses na luta contra o nazi-fascismo e porque os líderes do



regime totalitário da Granja dos Bichos eram os porcos, o que soaria como uma ofensa direta aos dirigentes russos.

Orwell foi um incansável defensor da liberdade de pensamento, de expressão e de imprensa. Ao mesmo tempo, foi crítico virulento de todos os totalitarismos. Numa época em que a doutrina oficial marxista-leninista, capitaneada pelo partido comunista soviético e defendida pelos PCs (Partidos Comunistas) do mundo todo era considerada dogma, sua obra afrontou diretamente os ideólogos do socialismo autoritário, isto é, a esquerda oficial. Mesmo a *intelligentsia* literária e acadêmica de esquerda da época mantinha, então, uma lealdade acrítica ao regime, assistindo com certa indulgência e complacência o que se passava na União Soviética. Assim, o escritor de *Animal farm* se tornou um ícone dos que combateram o stalinismo e todas as outras ideologias totalitárias. É nesse viés que o autor procura denunciar, através de uma história de fácil entendimento, a influência negativa do mito soviético sobre o operariado dos países do Ocidente. Nesse sentido asseverou: “convenci-me de que a destruição do mito soviético era essencial para conseguirmos reviver o movimento socialista” (Silva, 2007). Queria, para tanto, passar uma imagem de como o regime da União Soviética de fato era.

As manipulações deste seu texto, entretantes, não tardaram a acontecer. Logo após sua morte, a CIA (Centro de Inteligência Americano) comprou secretamente de seus herdeiros os direitos para filmar o livro. Em seguida mandou produzir, na Inglaterra, uma versão em desenho animado do enredo, cujo filme foi por ela distribuído no mundo inteiro. Nessa versão, omitiu-se a cena final do romance, na qual já não se podia distinguir os porcos dos humanos exploradores de animais que os precederam. Para não dar a entender que capitalistas e socialistas eram iguais, criou-se um novo fim para a história, no qual os animais atacam e tomam a casa da fazenda ocupada pelos porcos, libertando-se outra vez. Assim, Orwell, depois de morto, teve seu pensamento político deturpado pelos norte-americanos. Na intensa propaganda ideológica patrocinada pelo Ocidente à época da Guerra Fria, foi transformado em um dos

maiores críticos não só do regime soviético, mas do socialismo (Orwell, 2007).

Mas ao mesmo tempo parcela significativa da esquerda também ajuda a destruir a memória e o significado político da sua obra e da sua militância. Como todo e qualquer crítico e adversário do socialismo soviético, passou a ser rotulado de inimigo do socialismo e, por conseguinte, transformado em amigo do capitalismo. A exemplo do que acontece com Bola de Neve no livro, o inimigo é transformado no bode expiatório, necessário para justificar os insucessos da “construção do socialismo”.

O texto de “A revolução dos bichos”, embora fictício, possui relações com o real, e permite que se estabeleçam correspondências com fatos históricos ocorridos. A condição de permitir distintas interpretações, longe de desmerecer a qualidade da obra, garante sua permanência ou atemporalidade, traço característico de obras de arte de extraordinária qualidade e, portanto, clássicas. Cabe ao professor – mediador<sup>7</sup> e animador da leitura – auxiliar aos alunos a ler e a interpretar o texto da melhor forma possível.

### **Enredo da Revolução dos Bichos**

Toda a trama se passa na Granja do Solar, que depois passaria a se chamar Granja dos Bichos, uma fazenda do interior da Inglaterra. Major, um porco morimbundo de doze anos, o animal mais conceituado e respeitado da propriedade, convocara uma reunião dos bichos para relatar o estranho sonho que tivera. Inicialmente, Major teceu considerações sobre a vida dos animais na Inglaterra, que era feita de miséria e de escravidão. Quase todo o produto do esforço dos animais era apropriado pelo ser humano. O homem, segundo o Major, era a única criatura que consumia sem nada produzir. Era, portanto, o verdadeiro inimigo dos animais. Tirando o homem de cena, a razão principal da fome e da sobrecarga de trabalho desapareceria.

Em seguida, Major passou a contar que sonhara como todos os bichos poderiam sair da exploração imposta pelos humanos para serem livres. A mensagem que trazia era a rebelião, a revolução dos animais. Afirmou que todos os animais eram iguais e que tudo o que andava sobre quatro patas ou tinha asas eram amigos; o que quer que andasse sobre duas pernas era inimigo. Ensinou também a melodia Bichos da Inglaterra, um hino de motivação e de luta dos animais.

Major, entretantes, morreu antes que ocorresse a sublevação sonhada. Três porcos assumiram, então, a tarefa de sistematizar o pensamento do Major. Eram eles Napoleão, Bola de Neve e Garganta. Napoleão era um porco cachaço pouco falante, de aparência ameaçadora, mas com a reputação de ter grande força de vontade. Bola de Neve era um porco barrão bem mais ativo do que Napoleão, de fala fácil, mas não gozava da mesma reputação quanto à solidez de caráter. Garganta era um porco castrado, com grande capacidade de persuasão, capaz de convencer que preto era branco. Esses três organizaram o pensamento do velho Major, a que deram o nome de ANIMALISMO. No animalismo todos os bichos iriam trabalhar para si próprios, não sendo mais explorados pelos seres humanos.

A revolução dos animais da Granja do Solar aconteceu mais cedo e mais facilmente dos que eles próprios imaginavam. Em um final de semana, o Sr. Jones, dono da granja, embebedou-se, o que, aliás, fazia com freqüência. Famintos, os animais do celeiro se revoltaram e invadiram o depósito onde os alimentos se encontravam. Ao tomarem ciência do acontecido, Jones e seus peões passaram a chicotear e a agredir a bicharada. Os animais foram à luta e quando eles menos esperavam, conseguiram colocar os donos - Jones e sua mulher - mais os peões, a correr. A granja, agora, passava a ser deles.

Começava, parecia, uma nova vida para os bichos. O nome da granja foi mudado para Granja dos Bichos. Uma bandeira verde, com um chifre e um casco brancos ao centro, foi adotada como símbolo da granja.

Os princípios do animalismo foram resumidos em sete mandamentos, que foram escritos na parede do celeiro. Eram eles:

- 1º- Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimiga.
- 2º- O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
- 3º- Nenhum animal usará roupas.
- 4º- Nenhum animal dormirá em cama.
- 5º- Nenhum animal beberá álcool.
- 6º- Nenhum animal matará outro animal.
- 7º- Todos os animais são iguais.

Todos os animais foram para o campo trabalhar. Cada qual deveria trabalhar de acordo com sua capacidade. Sansão, um cavalo de bom porte físico, era indubitavelmente o que mais labutava. O fruto do trabalho seria dividido de acordo com as necessidades dos animais. Os porcos eram os únicos da granja que sabiam ler. Eram, por isso, tidos como os mais inteligentes da fazenda. Os porcos, propriamente, não trabalhavam, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros animais.

Enquanto Bola de Neve, um exímio orador, ocupava-se da organização dos bichos em diversos comitês, Napoleão tomou nove robustos filhotes recém-desmamados das cadelas Lulu e Branca e levou-os ao sótão, a fim de cuidar da sua educação. Enquanto isso, paulatinamente, acentuam-se as desigualdades na granja. Os porcos tinham nítidos privilégios em relação aos outros animais.

Certa feita, Jones, granjeiros vizinhos e seus peões, tentaram retomar a fazenda. Os animais da granja, liderados por Bola de Neve, ofereceram uma resistência tenaz e acabaram por repelir os inimigos. Esta vitória dos bichos sobre os homens passou a ser conhecida como Batalha do Estábulo.

Disputas políticas e intrigas opuseram Bola-de-Neve e Napoleão e, por conseguinte, toda a granja. Bola de Neve defendia a construção de um moinho para gerar energia elétrica para a granja. Garantia que esta construção economizaria trabalho e redundaria em maior conforto para os animais. Todos teriam luz e aquecimento no inverno. A energia também

seria empregada na moagem dos cereais. Napoleão era contra o projeto. Além da disputa sobre o moinho, houve o da defesa da granja contra a invasão humana. Para Napoleão, os animais deveriam conseguir armas de fogo e apreender a manejá-las. Bola de Neve pregava que deveriam ser enviados pombos a fim de estimular a rebelião de animais em outras fazendas.

A discussão em torno do projeto de construção do moinho deu a oportunidade de Napoleão se ver livre de seu adversário. Em um debate acalorado, Napoleão fez vir à cena os nove cães que criara e educara em segredo no sótão. Eles se atiraram sobre Bola de Neve que teve que fugir desesperadamente com os mesmos no seu encalço. As coisas então pioraram na granja dos animais. E aos poucos uma nova escravidão foi ressurgindo. Só que agora os animais não trabalhavam mais para os humanos, mas para os porcos, que eram os seus semelhantes.

As reuniões dominicais, que aconteciam desde o dia da Revolução, acabaram. As decisões, que se davam no voto, foram suprimidas. Uma comissão de porcos, presidida por Napoleão, passou a decidir sobre os problemas da granja e depois a comunicar a decisão aos demais. A idéia da construção do moinho foi retomada, desta feita sob a liderança de Napoleão. Para construir o moinho, a carga de trabalho semanal aumentou substancialmente para os animais.

Um dia, Napoleão anunciou uma nova política: a retomada do comércio com as granjas vizinhas. Argumentou que seria necessário vender feno, trigo e ovos para poder adquirir mercadorias não existentes na Granja dos Bichos, entre as quais equipamentos para o moinho.

Em seguida os porcos se mudaram para a casa-grande, residência anterior do casal Jones. Passaram também a dormir em camas e a consumir uísque e cerveja. Mais tarde até sobre duas patas procurariam andar. Os sete mandamentos passaram a ser reescritos na medida em que as atitudes e os comportamentos iam sendo modificados. A contínua alteração dos mandamentos culminou em um último e único, frase que ficaria na história como marca de toda a alegoria de Orwell: "Todos os

animais são iguais, mas uns são mais iguais do que outros.” Ao mesmo tempo, foi sendo feita também uma “lavagem cerebral” nos bichos. Tendo em vista que os demais animais não possuíam memória muito boa, os porcos inventaram inúmeras histórias.

Sempre que algo de errado ocorria na granja – como quando o moinho, depois de muito trabalho, ruiu devido a força dos ventos - a culpa era imputada a Bola de Neve, agora transformado em vilão, em traidor, em grande bode expiatório. Seu papel na revolução foi negado. Foi acusado de se ter aliado aos homens para acabar com a Granja dos Bichos. Não tardou para que animais, acusados de serem correligionários de Bola de Neve, fossem executados. Iniciou-se então na Granja dos Animais uma época de terror e de sangue. Até mesmo a canção Bichos da Inglaterra, por ordem de Napoleão, foi proibida de ser cantada.

Enquanto os animais trabalhavam em demasia, e a quantidade de ração diária minguava para os animais – excetos para os porcos -, o porco Garganta lia estatísticas e mais estatística sobre os aumentos da produção. Pronto o moinho, nova decepção. Ele fora dinamitado por um fazendeiro vizinho. Novamente os animais da granja tiveram de se jogar de rijo na edificação daquele equipamento.

O livro finaliza com os animais da granja reunidos do lado de fora da casa-grande, no frio, observando pela janela as bebedeiras, os brindes, os regozijos, e as discussões entre porcos e homens. Olhando para os rostos dos porcos e dos homens eram, entretanto, incapazes de distinguir quem era o quê. Sobre esta cena final, sempre tão mal compreendida, escreveria posteriormente Orwell: “Muitos leitores podem acabar de ler o livro com a impressão de que ele termina com uma reconciliação total entre os porcos e os seres humanos. Minha intenção não foi essa; ao contrário, eu desejava que o livro terminasse com uma nota enfática de discórdia, pois escrevi o fim imediatamente depois da Conferência de Teerã.”<sup>8</sup>

## **Uma sugestão de como trabalhar com a “Revolução dos bichos”**

À primeira vista, “A revolução dos bichos” parecer ser apenas uma genial sátira ao regime stalinista. Entretanto sua fábula alegórica, ao relacionar pessoas, animais e eventos às transformações ocorridas na Rússia (ou URSS) na primeira metade do século XX, denuncia mais do que a traição dos ideais da revolução. Embora Orwell tenha buscado mostrar uma época específica, sua obra pode - e deve - ser vista como uma alegoria a qualquer revolução em que os mais fracos tomam o poder e, em seguida, são por ele corrompidos.

Há ainda, na obra-prima de Orwell, várias alusões a fatos da Revolução Russa. As sempre inatingíveis metas dos planos quinquenais de Stálin são representadas pela construção do moinho de vento: o sonho impossível dos moradores da Granja dos Bichos. Os expurgos stalinistas aparecem no momento em que a sublevação dos animais está em perigo por conta de ataques do mundo exterior (dos homens). Assim, inúmeros animais acabam mortos, num banho de sangue que faz com que os outros revolucionários da granja se lembrem do Sr. Jones - talvez como o proletariado soviético pensou nas forças de segurança de Nicolau II durante os expurgos realizados por Stálin. A reescrita da história também aparece com destaque ao longo do livro.

Para trabalhar com o livro em sala de aula, pelo menos duas estratégias interessantes podem ser adotadas pelo professor. Uma delas consiste em solicitar aos alunos a leitura do livro sem nenhum tipo de apresentação ou debate prévio. Possivelmente a turma venha a se espantar com o tipo de leitura sugerida. Mas, passado o espanto, o professor poderá trabalhar cada personagem e fato do livro e relacioná-los com o seu equivalente no contexto histórico. Após desenvolver o conteúdo da Revolução Bolchevique, o livro poderá, inclusive, ser lido uma segunda vez pelos alunos. Outra possibilidade é trabalhar inicialmente o conteúdo da Revolução Russa com os alunos e, a título de complementação ou de

aprimoramento de habilidades e de competências, orientar a leitura do livro.

Antes de indicar a leitura do livro, o professor deve ler e reler previamente o texto e certificar-se da sua adequação aos alunos.<sup>9</sup> Feito isso, sugere-se que incentive a turma à leitura de “A revolução dos bichos”. Após a realização da leitura, pode solicitar aos alunos uma resenha do livro. A apresentação oral de sínteses por alunos também pode ser adotada. Cumpridas essas tarefas, o professor pode partir para uma relação entre os personagens do livro e os seus equivalentes históricos. Nesse sentido teríamos:

O animalismo	O socialismo ou o comunismo
O Solar dos Bichos	União Soviética
O canto Bichos da Inglaterra	A Internacional Socialista
Os porcos	A burocracia soviética
Os homens	A burguesia
Os animais	O proletariado
Sr. Jones	O Czar Nicolau II
O Velho Major	Marx <sup>10</sup>
Napoleão	Stálin
Bola de Neve (Snowball)	Trotsky
As ovelhas	A massa alienada
Os cachorros	A polícia política (KGB)
Sansão (Boxer)	O trabalhador iludido
O corvo Moisés	A Igreja Ortodoxa
O porco Garganta (Squealer)	A propaganda
A bandeira verde com o chifre e o casco	A bandeira soviética com a foice e o martelo

Aconselha-se que o professor, então, incite a turma a um debate sobre o paralelo traçado pelo autor na sua ficção e os acontecimentos verificados na Rússia (posteriormente União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e a respeito dos personagens. Sugere-se que o professor



passa aos alunos outras informações sobre o autor a fim de que possam refletir sobre o posicionamento de Orwell frente ao socialismo. O aluno poderia prosseguir discutindo sobre as diferentes correntes que no correr do tempo se proclamaram ou defenderam o socialismo (socialistas utópicos, anarquistas, marxistas-leninistas, trotskistas, social-democratas) ou que são tributários desse pensamento político-ideológico; sobre as possibilidades do socialismo no início deste terceiro milênio; sobre a burocratização dos partidos, sindicatos e outras entidades e quanto à corrupção e tendência à perpetuação que o exercício do poder muitas vezes leva.

Por fim, o conhecimento adquirido poderia redundar em outras atividades, cujos resultados poderiam ser divulgados na escola. Dentre essas atividades poderia estar, por exemplo, a apresentação de uma peça teatral. A peça, na medida em que exigiria uma reescrita da história, geraria novos desafios. Seria necessária uma nova produção textual e uma forma de representação da peça. Com essa estratégia, a motivação para a leitura e para a produção textual seria substancialmente capilarizada. Uma outra possibilidade seria fazer a turma assistir ao filme para comparar as semelhanças e diferenças de linguagem e de conteúdo entre o texto literário e o filme.

### **Precaução do Professor na utilização da obra em sala de aula**

Orwell era socialista confesso e criticava abertamente não somente o regime soviético, mas todos os regimes totalitários e o capitalismo. Não é possível, nesse espaço, fazer menção às diversas versões do socialismo revolucionário. Quem, no entanto, conhece um pouco da história do movimento socialista internacional, sabe que são muitos os caminhos propostos para se chegar ao socialismo. Evidentemente que entre os admiradores de Orwell incluem-se muitos que se assumem como socialistas, entre eles os trotskistas, que são críticos do modelo expressado pela ex-URSS e seus estados satélites. Sem essa observação,

induz-se ao erro de pensar que todos os críticos à esquerda do stalinismo são anti-socialistas.

Todavia, como observado acima, não faltaram os conservadores, democratas, liberais e neo-liberais que procuraram restringir a crítica anti-totalitária de Orwell somente ao socialismo. E, diga-se de passagem, ao socialismo de uma maneira geral, e não à sua versão stalinista. Não foi por um mero acaso que “A revolução dos bichos” se tornou um clássico da propaganda anti-comunista em tempos de Guerra Fria. Também não é acidente de percurso que o livro, na atualidade, esteja consagrado na Europa Oriental (Hitchens, 2007, p. 119). Outrossim, a leitura da obra continua proibida na China e na Coréia do Norte, evidentemente por razões políticas óbvias. Já no mundo islâmico, sob a alegação de retratar os porcos, o que é um subterfúgio para camuflar a onipresença da religião (Hitchens, 2007, p. 119-20).

Pode parecer paradoxal, mas o seu discurso e o seu conteúdo foram apropriados por amplos setores, com destaque para a classe média intelectualizada, cujo efeito perverso foi o esvaziamento do seu significado político original. Afirma John Rodden que “nunca houve um exército tão heterogêneo, do ponto de vista ideológico, quanto esse exército orwelliano” (Rodd, 2007). Esse exército incluiu ex-comunistas, socialistas, anarquistas de esquerda, libertários de direita, liberais, conservadores. Cada grupo com seus interesses e uniforme diferente, mas com o mesmo *button* na lapela – “Orwell tinha razão”.

Ao leitor desatento pode, portanto, passar despercebido o fato de que George Orwell critica tanto o capitalismo quanto os regimes de partido único. Ele não se inclui, definitivamente, entre os intelectuais de direita e sua obra não foi produzida com o intuito de “fazer o jogo da direita”. Portanto, cuidado! *Animal farm* não é uma crítica generalizada ao socialismo. Passar esta visão é mostrar total desconhecimento da vasta produção intelectual de George Orwell; é realizar uma leitura superficial do conteúdo de sua obra; é desmerecer a profundidade de seu trabalho. Para sermos justos com o autor, talvez pudéssemos afirmar que ele

defendeu um socialismo peculiar, independente. Foi um escritor essencialmente político. Sua obra é um manifesto de ódio ao totalitarismo, à hipocrisia, à mentira e à crueldade humana.

As lições deixadas pelo escritor são mais atuais do que nunca. A concentração de poder, a manipulação das informações e as desigualdades são cada vez mais absurdas. Para quem quiser entender um pouco da natureza política do ser humano, a leitura de seus trabalhos é obrigatória.

## Notas

---

<sup>1</sup> Dentre as muitas edições da obra existentes para a língua portuguesa, neste artigo utilizamos a seguinte: ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>2</sup> Em DVD, "A revolução dos bichos" vem características especiais que merecem ser conferidas: menus interativos, *trailer*, idiomas português e inglês, biografias, filmografias, notas de produção, entrevistas, regras de animais e contexto histórico.

<sup>3</sup> Cfe. Prefácio do autor à edição ucraniana de "A revolução dos bichos", de 1947. Este prefácio está incluído (p. 140-147) na edição com a qual trabalhamos.

<sup>4</sup> "Durante cinco anos, eu tinha feito parte de um sistema opressivo, que me fez ficar com a consciência pesada. (...) Eu tinha consciência da imensa carga de culpa que eu tinha de expiar. Isso pode parecer um exagero, admito; mas qualquer pessoa sentiria o mesmo se, durante cinco anos, fizesse um trabalho o qual desaprovasse totalmente. (...) Eu pensava ser preciso livrar-me, não apenas do imperialismo, mas também de qualquer forma de dominação do homem pelo homem." *Ibidem* p. 145-46.

<sup>5</sup> Em 1999, John de Mol, um executivo da TV holandesa, criou o *Big Brother*, um popular *reality show*. Nessa competição participa um grupo de pessoas comuns que, depois de selecionadas, passam a conviver juntas por algum tempo em uma mesma casa, vigiadas 24 horas por dia por câmaras. As expulsões de indivíduos da casa são decididas pela audiência. Quem conseguir se manter na casa por mais tempo, leva o maior prêmio. O nome do programa foi inspirado no livro "1984", de George Orwell. *Big Brother* é, nesse escrito, o governo do mundo Ocidental num futuro fictício. Representado pela figura de um homem - que no fundo não existe -, *Big Brother* vigia toda a população através de teletelas, governando de forma despótica e manipulando a forma de pensar dos habitantes. No Brasil, o *reality show* foi levado ao ar com estrondoso sucesso, por sete ocasiões pela Rede Globo de Televisão. Cfe. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Big\\_Brother](http://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother) em 25/07/2007.

<sup>6</sup> ORWELL, George. A liberdade de imprensa. In: Orwell (2007), op. cit. p. 126. Este texto se constitui do prefácio escrito pelo próprio autor à primeira edição inglesa, de 1945. O prefácio, no entanto, foi suprimido.

<sup>7</sup> Partindo de explanações feitas por Vigotsky, Celso Antunes afirma que o professor, enquanto mediador, é um facilitador do trabalho de aprendizagem do aluno. Para tanto, disponibiliza meios e recursos para que o aluno possa construir seus pensamentos e atribuir significado para aquilo que descobre. Aprender, na realidade, significa construir

---

sentido próprio e pessoal para um objeto de conhecimento – no caso o livro literário - existente. “O papel desse mediador, pois, é o de atuar entre o livro e a criança, levando-a a estabelecer relações e coordenações entre os esquemas de conhecimento que possui com os novos vínculos trazidos pelo texto.” ANTUNES, Celso. *Metáforas para aprender a ensinar*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 10.

<sup>8</sup> Orwell, prefácio, op. cit. p. 146. A Conferência de Teerã, no Irã, realizada em novembro de 1943, foi o primeiro dos acordos firmados entre as superpotências ainda no transcurso da Segunda Guerra Mundial. Ela reuniu os três grandes estadistas do Mundo da época: Josef Stálin, da União Soviética; Winston Churchill, da Inglaterra; e Franklin Delano Roosevelt, dos Estados Unidos. Além de lançarem bases de definições de partilhas, os três plenipotenciários decidiram que as forças anglo-americanas interviriam na França, completando o cerco de pressão à Alemanha, juntamente com as forças orientais soviéticas, o que concretizou o desembarque dos Aliados na Normandia. Deliberaram também sobre a divisão da Alemanha e sobre as fronteiras da Polônia após terminada a guerra, além de formularem propostas de paz com a colaboração de todas as nações. Estados Unidos e Inglaterra reconheceram, ainda, a fronteira soviética no Ocidente, com a anexação da Estônia, da Letônia, da Lituânia e do Leste da Polônia.

<sup>9</sup> “A verdade é que, para ser um mediador eficiente e um interlocutor competente, o professor deve ter lido e relido todos os livros a que os alunos têm livre acesso na sala de aula”. CHARTIER, Anne-Marie, CLESSE, Christiane, HÉBRARD, Jean. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 98.

<sup>10</sup> Há alguns críticos que vêem Lênin no papel do Velho Major. Mas Lênin é, propositalmente, eclipsado da história de Orwell. Segundo Christopher Hitchens, naquela época a esquerda não-stalinista ainda não se decidira sobre a responsabilidade do líder bolchevique na constituição do stalinismo. Os stalinistas que se julgavam herdeiros do leninismo, eram acusados de coveiros do socialismo pelos trotskistas. Ao mesmo tempo, conservadores de todas as matizes qualificavam stalinismo e leninismo como sinônimos. HITCHENS, Christopher. Posfácio - repensando a revolução dos bichos. In: ORWELL, George. *ORWELL, George. A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 117.

## Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil. PCN Ensino Médio. Orientações Educacionais aos Parâmetros Curriculares Nacionais Complementares.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4(1), junho 2006. 1-22. Disponível em [Http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm)

CHARTIER, Anne-Marie, CLESSE, Christiane, HÉBRARD, Jean. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas,

---

1996.

CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Competências e habilidades: da proposta à prática*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CURTI, Ilma Esperanza de Assis Santana. O anjo azul: um romance de Heinrich Mann e um filme de Josef von Sternberg. In: IV Semana de Literatura Alemã – Literatura e Filme. São Paulo: FFLCH/USP, set. 1989. p. 45-58.

HITCHENS, Christopher. Posfácio - repensando a revolução dos bichos. In: ORWELL, George. *ORWELL, George. A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 113-121.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *A caminho de Wigan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

\_\_\_\_\_. A liberdade de imprensa (prefácio proposto pelo autor à primeira edição inglesa, de 1945). In: ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 125-139.

\_\_\_\_\_. Prefácio do autor à edição ucraniana. In: ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 140-147.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy Assmann, MÜGGE, Ernani et al. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 27-43.

SILVA, Antônio Osaí da. Centenário de George Orwell: os dilemas no intelectual militante de esquerda. Disponível em : [http://www.piratininga.org.br/novapagina.leitura\\_em\\_03/06/2007](http://www.piratininga.org.br/novapagina.leitura_em_03/06/2007).

STEPHENSON, John (Diretor), *A revolução dos bichos*. Filme em DVD. Hallmark Entertainment, 1999.

TEIXEIRA, Marco Scout. BIOwellgrafia, uma biografia de George Orwell. Disponível em <http://www.duplipensar.net>